

Configurações da personagem feminina em *Maria Flor etc.*, de Arriete Vilela

Edvaldo Nunes dos Santos⁽¹⁾

(1) Aluno do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), campus Arapiraca. Endereço de e-mail: edvaldosanttos8@outlook.com.

(2)

Resumo - O presente trabalho analisa as representações da mulher na literatura, a partir da coletânea *Maria Flor etc.*, da escritora maceioense Arriete Vilela. O livro possui uma série de doze contos, dos quais, quase todos possuem protagonista femininas ou personagens mulheres representadas dentro do enredo, sendo essas, fio condutor das narrativas todas as vezes. Além disso, as temáticas evocadas também são das mais variadas, indo desde violência sexual à condição dos moradores de rua. Por assim ser, como arcabouço teórico para este estudo, recorremos à pesquisadoras com fortuna crítica sobre escrita de autoria feminina e representação. O levantamento realizado revelou a necessidade de estudos sobre a obra da autora que, apesar de crítica, ainda é pouco visibilizada e, outrossim, desconhecida em sua totalidade. Com o quê, pretendemos que esta proposta enriqueça o arcabouço de pesquisas sobre o projeto literário de Arriete. Assim, podendo contribuir com a fortuna teórica sobre sua escrita, especificamente, como uma possível interpretação das impressões que se mostram na leitura dos seus contos, carregados de uma presença feminina, com imensurável requinte estético e com forte denúncia do social.

Palavras-chave: Arriete Vilela, Personagem feminina, Representação.

Abstract - The present article analyzes the representations of women in literature, based on the collection *Maria Flor etc.*, written by the writer Arriete Vilela. The writer was born in Alagoas, a Brazilian state and is a university teacher of literature. Her book has a series of twelve short stories and all have female protagonists or female characters represented within the narratives every time. In addition, the themes evoked are also of the most varied, ranging from sexual violence to the condition of homeless people. The theoretical framework for this study, we turn to researchers with a critical fortune about women and representation. The research showed the needs for more studies about the author's literature, that is not read enough. So, we hope that this study will contribute for the theoretical fortune, that this study helps in the interpretation of the stories, encouraging reading and how a possible register of the impressions shown in the stories, with a feminine presence and social representation.

Key- words: Arriete Vilela, Female character, Representation.

Introdução

Não é tarefa fácil falar sobre feminismo na atualidade. Sobretudo, porque isso nos leva a debater não mais sobre o ser mulher, mas sobre uma série de fatores que vão desde questões étnicas à questões sociais e que permeiam os discursos das maneira decolonial e o mais plural possível. Perguntas recorrentes, nesse contexto, são, quem fala? de onde fala? quando fala?.

Isso implica dizer que temos delineado socialmente o que se entende por feminino e que esse protótipo pode variar, de acordo com período histórico, classe a que pertence a pessoa ou gênero, por exemplo. Também aponta, nesse cenário, o conceito de “Lugar de fala” que, ao contrário do que algumas pessoas pensam, não significa que somente mulheres possam falar sobre seus problemas, muito pelo contrário, homens também devem fazê-lo. Agora, o fazem de um outro ponto de vista, como observadores e não como protagonistas, denunciando e nunca como relatores.

Também sabemos que, desde a invenção da escrita, a literatura tem se mostrado exemplo claro de representação das relações de gênero. Virginia Woolf¹, escritora inglesa do século XX, já provocava a crítica e adentrava no psicológico feminino, relatando suas dores e anseios, enquanto adentrava questões inerentes à existência de um sistema misógino. Os romances “Cor-de-rosa” franceses, muito antes, já delimitavam o que deveria ter acesso o homem e o que ficava restrito à mulher, demarcando culturalmente a inferioridade do segundo sexo, que deveria contentar-se com uma literatura sentimental e que preparasse para o matrimônio.

Tais fatores de repressão, inclusive, dificultaram a disseminação de uma escrita feminina e, por consequente, o debate sobre seus problemas reais, como apontam teóricas como Coelho (1991), Zolin (2009) e Descaltagnè (2007). Essas concordam, assim, que é a partir da evolução das correntes feministas que a mulher passa a ser enxergada como sujeito e seus discursos vão tomando força gradativamente até, por fim, desembocarmos na literatura de autoria feminina contemporânea, que vem, cada vez mais, ganhando corpo.

Já nas universidades alagoanas vemos, sobretudo nas últimas décadas, uma crescente gama de trabalhos que, direta ou indiretamente, tratam sobre literatura produzida por mulheres. Dentre as autoras mais procuradas, está o nome de Arriete Vilela, escritora maceioense. Apesar da procura, ainda poucas pesquisam versam sobre o tema escrita feminina, propriamente dito.

¹ Já tratamos um pouco da estética woolfiana em: SANTOS, Edvaldo Nunes dos. **Corpos travestis da literatura: Olhares entre identidade, questões de gênero e alteridade.** Revext Uneal, v. 5 (1), p. 118-131, 2020.

Assim, tendo muitos projetos que tratam sobre poesia, ensino, identidade e memória, mas ainda em pouca quantidade sobre escrita de mulheres e sua relação com a teoria literária. Logo, partindo dessas constatações que selecionamos a obra “Maria Flor etc.” de Arriete Vilela (2002), como forma de contribuir para o elastecimento do cânone, evidenciar a escrita da autora e seu trato com os problemas sociais das mulheres, por consequente também nossos problemas. Outrossim, empreendendo uma interpretação das protagonistas da coletânea que ocupam posições distintas e revelam, a partir do múltiplo, a realidade e a crueldade dos sistemas de violência postos sobre as vastas interlocuções e vozes femininas.

A Autora

Morando em Maceió, Arriete Vilela nasceu em uma cidade alagoana de nome Marechal Deodoro. Sua produção engloba narrativas que dialogam com a realidade social alagoana e também uma lírica existencialista, que transita entre erotismo e memória. É autora de várias obras, entre contos, poemas e romance, das quais, podemos destacar: “Para além do avesso da corda” (1980), “Farpa” (1988), “O ócio dos anjos ignorados” (1995), “Maria Flor etc.” (2002), “Lãs ao vento” (2005), “Fantasia e avesso” (2010), “Grande baú, a Infância” (2012), “Teço-me” (2014), “Alzirinha” (2018), dentre outras.

Literatura de autoria feminina: empasses e caminhos

No cenário literário das últimas décadas há um consenso em pesquisas da área de que a escrita feminina vem ultrapassando os limites dos estereótipos de representação da mulher. Neste contexto, conforme apontam autoras como Nelly Coelho (1991) e Lúcia Zolin (2009), vemos o alargamento das temáticas das escritoras, que vem produzindo uma literatura de caráter social crítico e que toma cada vez mais força. Pois, de acordo com a crítica da área;

De uma literatura lírica/sentimental (gerada pela contemplação emotiva), cujo referencial de valores se pautava pelos padrões que a sociedade cristã/patriarcal difundida como únicos e absolutos (castidade, submissão à autoridade do homem, discrição, ingenuidade, paciência, etc.) a mulher chegou a uma literatura épica/existencial (gerada pela ação ética/passional), que expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta, inerente à imagem padrão da mulher, anjo/demônio, esposa/cortesã, “ânfora do prazer”/ “porta do inferno”, etc. Em lugar de optar por esses comportamentos antagônicos, a

“nova” mulher assume ambos e revela a ambiguidade inerente ao ser humano. (COELHO, 1991, pg. 96)

Temas como a violência doméstica, o aborto, a homossexualidade, vem despontando e abrindo caminho para uma multiplicidade de olhares que, em meio às discussões sobre gênero, tornam-se a cada dia mais aparentes. Lúcia Zolin (2009), por sua vez, associa essa mudança ao Movimento Feminista, que seria fio condutor para a promoção do debate sobre as relações sociais e o empoderamento da mulher, que passa a ter voz própria para contestar o lugar de unificação em que fora recolocada dentro do sistema patriarcal. Para Zolin (2009):

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo a mulher o poder de falar, surge imbuída da missão de “contaminar” os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir a centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem sucedido socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outros aspectos. (pg. 106).

Outrossim, as escritoras mulheres também vem usando essa representatividade para derrubar paradigmas com relação à construção das próprias personagens protagonistas de seus textos. A personagem feminina aparece com maior frequência em obras de escritoras mulheres, papel que lhes é negado, na maioria das vezes, em livros de autoria masculina.

Segundo pesquisa com cerca de 150 personagens, de Regina Descaltagnè (2007), nos trabalhos de escritoras, 52% das personagens são mulheres, sendo que 64,1%, já protagonizam a obra. No caso de autor homem, as personagens femininas não passam de 32% e somente 13,8% são protagonistas. Isso sem falar em outros dados da pesquisa como posição social da personagem, orientação sexual, cor e etc. Onde a produção das mulheres vem, apesar de lentamente, também ganhando destaque pela diversidade de identidades e características que compõem suas narrativas.

As configurações da personagem feminina em Maria Flor, etc., da escritora Arriete Vilela

Maria Flor etc. é uma obra lançada em 2002 por Arriete Vilela. O livro traz um conjunto de doze contos, em sua maioria, com personagens femininas protagonizando- os e com temas dos mais diversos, desde violência sexual à condição dos moradores de rua.

Entre os a coletânea percebe-se claramente o processo de representação construído pela autora a partir de dois pontos. Primeiro porque as personagens são, sobretudo, femininas, assim

mantendo uma postura de análise das situações sob um ponto de vistas da mulher, aproximando da maneira de enxergar o cotidiano da própria escritora, que se desdobra na construção do enredo. Segundo porque elas estão em posição de marginalidade, mimeticamente, denunciando uma realidade concreta e uma sociedade capitalista, exploradora. Tal como, no empasse com a modernidade, onde as relações passam a ser efêmeras.

Além de tudo isso, outro ponto instigado por esta pesquisa é a relação entre o arquétipo feminino e a sociedade. Se, como afirmava a filosofia do século XX, ninguém nasce mulher, mas sim, torna-se², então não podemos conceber a condição como algo puramente biológico, mas sim, em um processo dialógico, nunca fechado e em constante mudança.

Esse pensamento advindo da filosofia não só impulsionou a corrente feminista, mas tornou-se, principalmente na contemporaneidade, base para debates em todas as áreas do conhecimento. Citando a literatura como exemplo, passamos a perceber a existência de “discursos dominantes” e “espaços privilegiados de expressão” (ZOLIN, 2009), os quais, até meados do século anterior, a academia não percebia, menosprezando outros discursos, tidos de menor importância.

De uns tempos para cá, finalmente vemos estudos que enfocam a diversidade e, nessa emergência da diferença (COELHO, 1991), as questões étnicas, culturais e de gênero passaram a ocupar lugar de destaque. Sobretudo, propondo uma revisão dos lugares em que são colocados os sujeitos dentro de um meio social e sua reinserção a partir do reconhecimento e denúncia desses mecanismos de exclusão e segregação.

Os espaços evocados na literatura, principalmente de autoria feminina, conforme aponta o trabalho de Regina Descaltagnè (DESCALTAGNÈ, 2007), mostram que o cenário literário brasileiro vem apresentando uma crescente presença de personagens femininas, as quais, refletem a partir de sua própria construção uma série de problemas de natureza social e de gênero. Já podemos afirmar que essas personagens vêm tornando-se de suma importância para entender a condição da mulher a partir da própria experiência do sê-la.

Assim, propomos uma revisita à série lançada por Arriete Vilela, entendendo que a denúncia que suas protagonistas trazem são construídas em um tom representativo da condição da mulher, transposto ao universo ficcional e que parte da observação de uma realidade concreta. Quase intuitivamente, Arriete constrói criticamente um universo narrativo em que as

² Aqui, citamos o pensamento de Simone de Beauvoir. Pode ser aprofundado na leitura da tradução para o português em: BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 2**. A experiência vivida; tradução de Sérgio Millet; capa de Fernando Lemos.- 2 ed.- São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

mulheres são parâmetro para entender os processos simbólicos de violência. Com nomes típicos e representantes de perfis marginalizados, elas mostram seus anseios e suas mágoas, sua pobreza e suas falhas, em contraponto à uma sociedade que as define, objetifica e reprime.

Já no primeiro conto, intitulado “A filhinha”, somos confrontados com a pobreza e a avareza humana, por meio de uma moça chamada Berenice. De aparência surrada, ela carrega um bebê ao colo, rumo ao sinal. Ali costuma sentar-se, embalando a criancinha, para pedir dinheiro, acostumando-se tanto à aquela situação que passara a fazer de tudo para que a aparência da criança continuasse com aquele ar deplorável e conseguisse sempre ganhar o trocado. “Em casa, inclusive, a mulher tirava-lhe as cascas das perebinhas para que não cicatrizassem” (VILELA, 2002, pg. 12). A ambição da mãe a faz esquecer até das necessidades cruciais para sobrevivência da criança, não a dando água sequer, algumas vezes.

Certo dia se dá conta, após ser recolhida pela polícia, que o neném estava morto. Assim, perde completamente a razão, sendo descrita, no final do conto, com uma boneca em seus braços, a qual, ninava. O texto evoca, em última instância, ao arrependimento da mulher que, por fim, permanece compenetrada em sua tarefa de ninar o bebê imaginário. As pessoas chegavam a oferecer dinheiro para ela, tocados com toda a situação, porém, ela não aceitava, mantendo toda sua atenção para o cuidado com seu suposto filho.

Não é incomum encontrarmos mulheres com bebês a pedir em sinais, pois, a pobreza e falta de condições de vida adequada as leva à tal situação. No entanto, a escritora mostra um outro lado da moeda, a ganância de uma personagem que esquece a existência de uma criança, a tornado coisa, objeto de lucro. Ponto importante é que o meio parece ter sua parcela de culpa nas práticas da personagem, ele a torna avarenta e a leva a valer-se de seu único meio para sobrevivência em condições tão extremas de pobreza, a exploração de sua criança para comover os que passaram. Fato que parece se confirmar com a loucura da mãe que, após a morte da criança, passa a recusar o dinheiro daquele que a oferecem.

Em “À procura de uma mãe” temos retratada uma garota de rua, de nome Maria Flor. Desde o início da narrativa, a menina traz uma ânsia incessante em saber notícias de uma mãe que não conheceu, quando morre a única pessoa com quem morava, a garotinha passa a viver com os mendigos.

A partir daí começa a ver em cada mulher uma possível mãe. Primeiro passa a acompanhar uma catadora de latinhas, Otília, e sua família; porém, Otília acha estranho todo o carinho da menina e foge, a deixando novamente sozinha. Depois conheceu Iaiá Gordinha,

uma outra mulher que morava na rua, pouco tempo depois, ela também some e Maria Flor continua sem ninguém.

Enfim, a personagem encontra consolo no que seria uma casa de prostituição, com uma mãe que a acariciava e dava presentes depois de cumpridas suas atividades para com os homens que frequentavam o local. No fim do conto, revela-se que a própria Maria Flor teria tomado o lugar da mulher, tornando-se, um dia, ela mesma a figura que acalentava, enquanto explorava, meninos e meninas na mesma situação de marginalidade. Aqui, a prostituição por falta de condições melhores de vida é denunciada por Arriete Vilela, ao passo que a exploração infantil e a situação dos órfãos que vivem nas ruas e parecem estar totalmente esquecidos do resto do mundo.

O conto “Fixação erótica”, por sua vez, retrata a violência sexual contra a mulher, narrando o caso de uma mãe violentada pelo seu próprio filho. Tema que é retomado em “Flor de esterco”, onde uma filha é abusada pelo próprio pai, ficando grávida e renegando o filho, segundo ela, “fruto da violência e da maldição” (VILELA, 2002, pg. 33).

Em um outro, o olhar de uma menina que pede dinheiro parece provocar incômodo nas pessoas, seu título é “Os olhos da menina”, aliás bem sugestivo. Novamente a autora denuncia a falta de oportunidade para as meninas em situação de vulnerabilidade social e o quão desumano e cruel pode ser o ser humano. Já mulher, a personagem também só encontra lugar na prostituição e seus olhos, antes causadores de repulsa, ganham novo caráter para os homens com quem se relacionava, agora sinônimo de desejo. Denunciando, assim, a vulnerabilidade social como causa da marginalidade feminina, tal como, a desumanidade da sociedade moderna.

Já “Saia rodada” inicia-se com uma pergunta muito poética; “Anjos usam saias rodadas, cujo discreto colorido de deixa brincar pelo vento?” (VILELA, 2002, pg. 61). Narra um fato inusitado que acaba por mudar a vida de uma mulher, que levava seu filho à um hospital. Ao se deparar com assassinato, que causa uma confusão na rua e acaba provocando um acidente de carro que a atinge, a senhora acaba servindo, sem se dar conta, de proteção para um garotinho de rua, que possuía pai violento e que matara sua mãe a tiros, que agarra em sua saia e a segue, sem que ela perceba. Recebe amparo de um viúvo que a conduz e, assim, acaba, coincidentemente, amparando o menino de rua, casando com o homem e formando uma família. Um dos poucos contos com final feliz, onde um órfão consegue um lar e uma mãe que, com todo seu carinho, muda o destino do garoto e o seu próprio destino.

Essas configurações de mulher que eclodem na literatura refletem uma aparente mudança no pensamento sobre as relações sociais e de gênero, advinda de uma denúncia empreendida através da construção de uma nova identidade literária que, conforme nos confirma Coelho (1991), passa a enxergar grupos minoritários e seus discursos, antes desvalorizados e também silenciados, muitas vezes.

A opção política de retratar o cotidiano das mulheres, assim como, as dificuldades de uma vida pobre e esquecida só se concretiza dentro de um cenário onde esses temas são possíveis a serem debatidos. Por outro lado, o próprio ideal de mulher passa a mudar, em um mundo plural, onde o feminismo já pensa de maneira diversa e interseccional, admitindo um distanciamento com uma representação puramente biológica e que seria a regra e a lei, vista como impossível de ser transposta até certo tempo atrás.

Logo, Maria Flor etc. e a tessitura que evoca, a partir de todas as personagens e seus mais distintos enredos, é uma obra não só crítica, mas fundamental para adentrarmos nos problemas de caráter social que nos rodeiam. Ao mesmo tempo que, nos deleita com o melhor da estética literária moderna, onde o entrelaçar de poesia e representação nos provoca não só repulsa, horror, mas também, aproxima e nos faz lembrar a vida de várias Marias, sejam mães, avós ou até mesmo aquelas que deparamos em sinais, pedindo esmola, chorando a morte de um filho, mas que marcam nossa alma profundamente.

Considerações Finais

Evidencia-se neste estudo os múltiplos perfis femininos na obra de Arriete Vilela, os quais, caracterizam-se por uma similaridade com a vivência de mulheres reais e os problemas enfrentados por elas. Da mesma maneira, salientamos a necessidade de pesquisas sobre a escritura de autoria feminina, como parte fundamental para a construção de um campo teórico-literário afim, no diálogo sobre as questões de gênero e debate das relações sociais. A presença da violência, da prostituição e da fome delimitam a existência das protagonistas mulheres, construídas a partir de um olhar crítico da autora sobre fatos cotidianos. Ainda, concordando com a crítica literária, percebemos que a escolha por esses temas não é mera coincidência, sobretudo, se levarmos em conta que as autoras vêm escrevendo mais sobre personagens mulheres e, assim, ajudando a compreender como se dão estes processos de representação, enquanto constroem uma nova perspectiva de reconhecimento e debate na atualidade.

Conflite de interesse

Os autores não declararam conflito de interesse no momento da submissão desse artigo.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura feminina no Brasil contemporâneo**. Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.

DESCALTAGNÈ, Regina. **Imagens da mulher na narrativa brasileira**. O Eixo e a Roda, Belo Horizonte, n. 15, p. 127-135, 2007.

VILELA, Arriete. **Maria Flor etc**. Maceió: grafmarques, 2002.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A Literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. IPOTESI, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, Jul./dez., 2009.